



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

Telejornalismo de Bolso na Amazônia:¹ O uso do celular na produção de notícias na TV Liberal

Francisco das Chagas SALES JÚNIOR²

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Rondon do Pará (PA)

RESUMO

Este estudo buscou analisar as novas práticas sociais com dispositivos móveis realizadas pelo telejornalismo na região da Amazônia brasileira, a partir do uso do aparelho celular nas produções televisivas. Para isso, foi realizado um estudo de caso da TV Liberal, afiliada da TV Globo no estado do Pará. Foram feitas visitas ao site e redes sociais da emissora e observação da programação do canal em sinal aberto e no Globo Play, além de revisão bibliográfica sobre as temáticas abordadas nesta pesquisa. Esta investigação se justifica pela necessidade de compreendermos melhor o jornalismo audiovisual regional na contemporaneidade e como se configura o conceito de Telejornalismo de Bolso na região amazônica e identificar os atores envolvidos nesse processo de reconfiguração do telejornalismo no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Telejornalismo; Jornalismo de bolso; Celular; Amazônia; TV Liberal.

1 INTRODUÇÃO

As transformações tecnológicas e sociais vivenciadas pela televisão nas últimas décadas impulsionaram e intensificaram o surgimento de novas práticas no telejornalismo brasileiro. A reconfiguração das rotinas produtivas foi acontecendo de forma gradativa. Muitas dessas mudanças ocorreram graças a inserção de novos dispositivos, como o aparelho celular com a funcionalidade de produzir imagens de alta definição, e o protagonismo de novo atores no processo de construção da notícia (Becker, 2021).

Nesse contexto, o telespectador também deixou de ser visto como uma figura passiva no processo de comunicação e passou a ser considerado uma “fonte ativa”, como identifica Alves (2022), principalmente no telejornalismo regional/local. Dessa forma,

¹ Trabalho apresentado no 18º SIMCOM - 18º Simpósio de Comunicação da Região Tocantina.

² Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Doutor e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: jornalistafranciscojunior@gmail.com



segundo a autora, verifica-se a configuração de uma “redação alargada”, onde o conteúdo é produzido com a ajuda de atores de fora da instância jornalística, por meio do envio de informações, vídeos e fotos produzidos pelos próprios telespectadores. Nesse sentido, observamos que as pessoas ganharam espaço relevante na produção do jornalismo televisivo, promovendo a propagação e replicação de conteúdo, tanto na TV como em outras plataformas.

A colaboração mais intensa do público passou a ser possível graças ao uso de tecnologias digitais como os celulares e os aplicativos de redes sociais. A partir desses dispositivos se tornou possível receber e distribuir conteúdo, tanto por parte do telespectador como do jornalista. Dessa forma, observamos que o jornalismo passou por um processo de plataformização, como destaca Kalsing (2021), onde as plataformas se tornaram imprescindíveis para a produção e propagação de notícias.

Para Becker (2022, p. 15), essas “mudanças tecnológicas respondem a demandas culturais já estabelecidas, expectativas sociais e disputas de poder”. A pesquisadora identifica a expansão de conteúdos da televisão e a utilização de múltiplas telas e dispositivos móveis para a formatação e propagação de informações tanto pelo público quanto pelos profissionais que atuam nas emissoras de televisão.

Ao fazer esta breve observação do ecossistema televisivo na atualidade, surgiu o seguinte questionamento: como o aparelho celular tem sido utilizado no telejornalismo amazônico? E ainda: como as novas práticas sociais da televisão contribuem para a configuração conceitual de um Telejornalismo de Bolso? Este estudo se justifica pela necessidade de compreender melhor a reconfiguração das rotinas produtivas na TV regional contemporânea e os atores sociais envolvidos nesse processo. Acredita-se que os resultados e discussões deste estudo poderão contribuir para o desenvolvimento do conhecimento científico nesta área e incentivar que novas investigação sejam realizadas sobre as temáticas aqui abordadas.

Para alcançar o objetivo desta pesquisa, foi realizado um estudo de caso da TV Liberal, afiliada da TV Globo no estado do Pará, entre janeiro e outubro de 2024. Foram feitas visitas ao site oficial e perfis nas redes sociais digitais da emissora e a observação



da programação do canal transmitida em sinal aberto e disponibilizada no Globo Play, além de uma revisão bibliográfica sobre as temáticas abordadas neste trabalho.

2 TELEVISÃO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Para que possamos compreender melhor a televisão na contemporaneidade, antes é preciso conhecer um pouco sobre a trajetória desse veículo de comunicação no Norte brasileiro. Os investimentos em telecomunicações e em infraestrutura básica, como a construção de estradas e ampliação da rede elétrica pelo país, foi um passo importante para isso. Afinal, proporcionaram, na virada do século XX, a implementação do telégrafo no território Amazônico, interligando os estados nortistas às demais regiões, a partir do projeto governamental capitaneado pelo Marechal Cândido Rondon. “Como engenheiro militar, o desafio de Rondon seria construir novas linhas telegráficas e estradas ligando a região Centro-Oeste à Amazônia, num trabalho que se estendeu ao longo de três décadas e mobilizou mais de seiscentos homens em algumas empreitadas” (Batista, 2010, p. 31).

As melhorias na infraestrutura, driblando os obstáculos da floresta e a geografia acidentada, criaram as condições necessárias para o surgimento da imprensa no Amazonas, por exemplo. Em 1851, por iniciativa de Manoel Silva Ramos, começou a ser produzido o jornal “Cinco de Setembro”, considerado o primeiro periódico do território amazonense. Em 1927, graças ao investimento feitos pelo governador Ephigênio Salles, foi a vez do rádio ser implantado no estado, com a “Voz de Manaus” (Batista, 2010).

O desenvolvimento da imprensa na região Norte, a partir do surgimento de novos periódicos e da instalação de emissoras de rádio com transmissões regulares, além da criação da Zona Franca de Manaus, criou as bases para que anos depois a televisão pudesse ser implantada na Amazônia brasileira. Dessa forma, em 1961, por iniciativa do jornalista e empresário Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, entrou no ar a TV Marajoara, no Pará, pertencente ao grupo dos Diários Associados, que já possuía jornal impresso e rádio no estado (Barbosa, 2010).

De acordo com Costa (2014), apesar da abrangência que se esperava nesse início de televisão na região amazônica, a programação da TV Marajoara era voltada para a elite



paraense, dirigida ao público de alto poder aquisitivo. “Essa tendência elitista se fazia presente também na produção de programas. Era o caso do principal noticiário da TV Marajoara da segunda metade dos anos 1960: Notícias a rigor”, que chamava a atenção pelos apresentadores bem trajados (Costa, 2014, p. 14). Nesse período, além de programas de notícias, a emissora transmitia entrevistas, apresentações de conjuntos musicais, reportagens de recepções festivas, entre outros formatos televisivos.

Durante cerca de seis anos, a TV Marajoara foi a única emissora de televisão do Pará, com uma programação de apenas três horas e sendo patrocinada principalmente por militares, mineradoras e empresas multinacionais (Costa, 2014). Com a expansão da televisão pelo país, outras emissoras foram inauguradas no estado. Em 1967, foi inaugurada a TV Guajará, de Lopo Castro, e em 1972, a TV Liberal, de Rômulo Maiorana. Com isso, de acordo com D’Castro (2021), o mercado televisivo começou a crescer e se consolidar em terras paraenses.

Surpreende, por exemplo, o telejornal na TV Altamira, da pequena Altamira, nos anos 80, buscando transmitir o cotidiano, contando até com entrevistados ao vivo - era muita “ousadia” -, emissora instalada pela população e pelo executivo municipal em 1976, sendo a primeira emissora do interior do Estado do Pará, tempo em que as transmissões eram feitas via videocassete, com fitas gravadas no dia anterior em Belém, “pura tecnologia” (D’Castro, 2021. 13)

Nos demais estados do Norte, as primeiras emissoras de TV foram implantadas nos anos seguintes, graças a iniciativas de entusiastas que viam na televisão a modernidade tecnológica e a possibilidade de investir em um novo modelo de negócios. No Quadro 1, observamos que esse processo de expansão teve início com a TV Ajuricaba do Amazonas (1969) e em seguida com a TV Rondônia (1974), TV Acre (1974), TV Roraima (1975), TV Amapá (1975) e TV Anhanguera (1991), a partir da criação do estado do Tocantins (Sales Júnior, 2023).

Quadro 1 – Emissoras pioneira da região Norte brasileira

Estado	Ano	Emissora pioneira
PA	1961	TV Marajoara
AM	1969	TV Ajuricaba



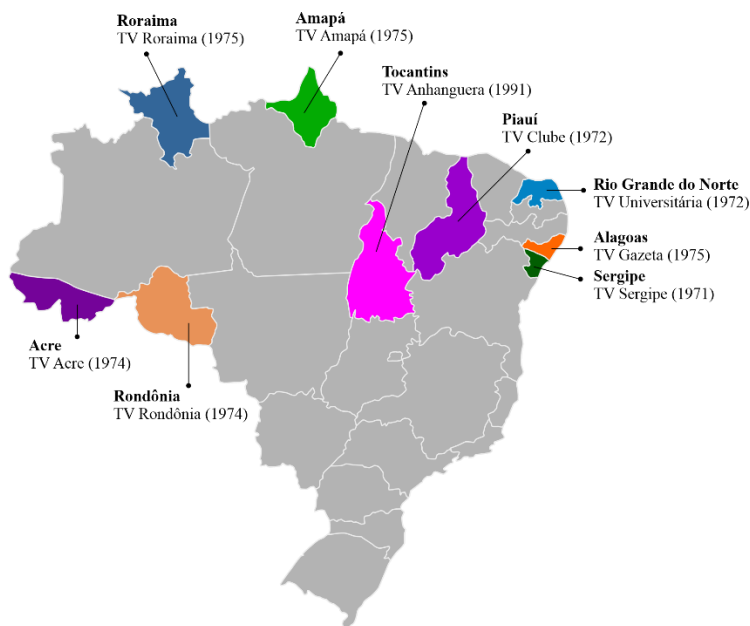
MOSTRA CIENTÍFICA
18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA
11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

RO	1974	TV Rondônia
AC	1974	TV Acre
RR	1975	TV Roraima
AP	1975	TV Amapá
TO	1991	TV Anhanguera

Elaborado pelo autor com base em Sales Júnior (2023)

Ao observar a implantação das emissoras pioneiras de televisão no Norte brasileiro, verificamos que esse processo levou cerca de trinta anos para ser concluído. A chegada do primeiro canal na região aconteceu apenas 11 anos após a primeira transmissão de TV ocorrer no Brasil, com o início das operações da TV Tupi de São Paulo, em 1950 (Mattos, 2010). No entanto, na maioria dos estados nortistas, isso levou mais de 24 anos para acontecer. Nesse contexto, constatamos que foram os últimos do país a ter a primeira emissora de TV entrando em operação, juntamente com outros estados nordestinos, na década de 1970, como podemos observar no Mapa 1.

Mapa 1 – Últimos estados brasileiros a implementar a primeira emissora de TV



Fonte: Sales Júnior (2023)



O processo de implantação das emissoras pioneiras de televisão nas regiões Norte e Nordeste comprava a desigualdade na regionalização desse veículo de comunicação pelo país. Assim, podemos constatar que o desenvolvimento tecnológico, representado pela implementação da TV na época, chegou a essas localidades com anos de atraso, interferindo na forma de produção dos programas televisivos e profissionalização das equipes e configuração das rotinas produtivas do telejornalismo na região amazônica.

3 CONFIGURAÇÃO DO TELEJORNALISMO DE BOLSO

Com a implementação de novas tecnologias, a digitalização das redações e do sinal das emissoras de TV e a intensificação do processo de midiaticização da sociedade, o telejornalismo vem passando para significativas transformações. Para Beatriz Becker (2016), vivemos um momento de intensas mudanças no jornalismo audiovisual. Um processo que começou nos últimos anos e continua modificando as formas de construção da notícia na televisão, que agora segue um modelo descentralizado, incluindo novos atores sociais. Nesse contexto, o telejornalismo passou a ser pensado e produzido para telas e por telas de dispositivos e plataformas diferentes.

Mattos (2010) identifica que a televisão vivencia a Fase da Portabilidade, Mobilidade e Interatividade Digital. É um período iniciado em 2010, “quando o mercado de comunicação e o modelo de negócio vão se reestruturar definitivamente, devido ao espaço ocupado pelas novas mídias, a exemplo do celular digital”. Com isso, a produção e distribuição de conteúdo passaram a ser fundamentais para as redes de TV.

Com a multiplicação de suportes para produção e distribuição dos conteúdos audiovisuais do jornalismo, o conceito de telejornalismo também passou por reconfiguração. Emerim (2017) explica que deixou de ser apenas o jornalismo produzido para a televisão e assistido em um televisor. Na contemporaneidade, se tornou um produto jornalístico voltado para as diversas telas (computador, celular, *tablet*, entre outros). Apesar disso, continua seguindo uma gramática e linguagem que são próprias da televisão. No entanto, segue atualizada pelos fenômenos comunicacionais que vem sendo observados nas últimas décadas no ecossistema televisivo.



Essa reconfiguração das práticas sociais do telejornalismo já foi sentida em fases anteriores da televisão. No entanto, verificamos que com a Pandemia do Covid-19, outras mudanças foram surgindo. A gravação de entrevistas por chamada de vídeo e os pedidos de envio de vídeos com depoimentos dos entrevistados foi uma das principais práticas implementadas nesse período de isolamento social. Na maioria das vezes, essas produções foram realizadas com o uso de aparelhos celulares e outros dispositivos móveis que agora temos a disposição (Cerqueira; Vizeu; Gomes, 2020).

Em um ambiente permeado pela oferta de múltiplas telas e pelo uso intensivo de aparatos digitais, um dos desafios tem sido o uso dos aparelhos móveis para a produção de notícias. Firmino (2013) denomina essa prática de jornalismo móvel, referindo-se à uma modalidade de atuação por meio de tecnologias portáteis. Uma prática que tem permitido maior fluidez nos deslocamentos de natureza física ou informacional.

Canavilhas (2021, p. 7) explica que inicialmente o jornalismo produzido por meio de dispositivos que permitiam uma maior mobilidade era chamado de MOJO (Mobile Journalism), ou Jornalismo Móvel, na tradução para o português, mas também ficou conhecido jornalismo de mochila, “em referência à possibilidade de um jornalista ser autônomo graças a uma mochila com laptop, câmera digital e microfone”. Numa fase seguinte, com a possibilidade de realizar o trabalho de construção das notícias a partir de *smartphones*, passou a ser denominado de jornalismo de bolso, destacando ainda mais a portabilidade desse tipo de aparelho.

Na televisão, as possibilidades de produção com equipamentos móveis como os celulares fez ressurgir a figura do videorepórter, aquele que exerce várias funções na produção da reportagem. Segundo Barbeiro e Lima (2002), a videoreportagem estabelece a ideia de que um repórter é capaz de produzir tudo sozinho. Ou seja, ele filma, entrevista, conta a história, edita e pode até apresentar a reportagem que fez.

Para Sales Júnior e Kneipp (2023), o uso dos dispositivos móveis, principalmente o aparelho celular que na atualidade apresenta múltiplas funcionalidades e alta definição de imagem, nos permite conceituar essa prática como sendo um Telejornalismo de Bolso. Esse tipo de jornalismo pode englobar tanto a produção quanto a distribuição do conteúdo televisivo por meio de celulares e aparatos portáteis.



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

Nesse novo ambiente midiático, o conteúdo jornalístico audiovisual passou a caber no bolso, tendo em vista que grande parte das produções são realizadas por meio do aparelho celular. Uma identificação que contribui para a construção de um conceito de telejornalismo de bolso, onde profissionais e telespectadores fazem parte do processo de produção e difusão da informação, graças ao uso dos dispositivos móveis (Sales Júnior; Kneipp, 2023, p. 15).

A nomenclatura é uma referência direta ao telefone móvel, com base na ideia de “jornalismo de bolso” conceituada por Canavilhas e Fidalgo (2009), que observaram a tendência de um movimento onde todos os jornais passaram a caber no bolso. Uma alusão direta ao uso e espaço que o aparelho celular passou a ter na sociedade contemporânea.

Pelo celular, qualquer pessoa encontra-se ao alcance da informação. Ou seja, não é necessário que a pessoa se mantenha colada a um aparelho de televisão ou de rádio para receber a informação; o celular, ao torna-se uma extensão corporal, liberta a pessoa dos constrangimentos espaciais e temporais na recepção de informações (Canavilhas; Fidalgo, 2009, p. 112).

Moreira *et al.* (2018) explicam como a prática com os dispositivos móveis nas produções jornalísticas começou a ser intensificada no Brasil.

O fenômeno da reportagem jornalística feita em tecnologia móvel ganhou relevância pública em junho de 2013 com as transmissões dos protestos de rua que tomaram conta do País. Os jornalistas transmitiam por streaming com celular. Entravam ao vivo, mas também gravavam para que o conteúdo fosse disponibilizado em diversas plataformas e entrasse de forma editada nas reportagens mais elaboradas (Moreira *et al.*, 2018, p. 14).

Apesar de o conceito de “jornalismo de bolso” ter sido pensado inicialmente para se referir às notícias consumidas no celular, agora a mesma conceituação pode ser aplicada às demais mídias, como a televisão, como destacado por Sales Júnior e Kneipp (2023).

O conceito inicial de jornalismo de bolso, anteriormente restrito ao jornalismo digital produzido em sites na web, passa a ganhar novas ramificações. Dessa forma, é possível propor um novo conceito, o de telejornalismo de bolso, configurado pelas produções audiovisuais feitas a partir de dispositivos móveis (Sales Júnior; Kneipp, 2023, p. 10).



Portanto, a configuração do conceito de telejornalismo de bolso evidencia as características que são próprias da televisão aplicadas às práticas sociais contemporâneas do jornalismo audiovisual, que utiliza dispositivos móveis como o aparelho celular. Dessa forma, passamos a conviver com rotinas produtivas em que as notícias são feitas para as telas e pelas as mais diversas telas.

4 USO DO CELULAR NA TV LIBERAL

A TV Liberal possui seis emissoras, que estão localizadas em cidades consideradas estratégicas para a cobertura jornalística do canal no Pará. Além de Belém, está presente com geradoras próprias nos municípios de Altamira, Castanhal, Marabá, Paragominas, Parauapebas e Redenção (Negócios TV Liberal, s/d). No entanto, nessas localidades não há programação local. Por lá, são feitas apenas a exibição de comerciais regionais e a retransmissão do que é produzido a capital do estado.

Apesar de não produzir e exibir programações exclusivamente voltadas para os públicos locais, todas as emissoras do grupo que estão situadas no interior do estado possuem equipes de jornalismo, que apuram e produzem conteúdos noticiosos locais. Elas são responsáveis pela gravação de reportagens e por realizarem entradas ao vivo para os principais telejornais da TV Liberal, como o Bom Dia Pará, o JL1 e o JL 2. Dessa forma, a emissora consegue apresentar notícias de todas as regiões do Pará, diversificando a cobertura jornalística do canal.

Apesar da possibilidade do uso de dispositivos móveis, como celulares e *tablets*, é possível observar que a TV Liberal não faz uso intensivo dessas tecnologias nem tem videorrepórteres³ atuando nos telejornais da emissora. Verificamos ainda que o canal mantém a composição básica de uma equipe de TV, com a presença de pelos menos um repórter e um cinegrafista. Dessa forma, é possível observar que os dispositivos móveis são utilizados apenas em situações pontuais como na gravação de imagens ou em entradas ao vivo que exigem maior agilidade.

³ Profissionais que realizam sozinhos todo o processo de produção de reportagens na TV. Eles gravam imagens, apuram as informações e editam o material audiovisual, além de entrarem ao vivo nos telejornais.



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

Diferentemente de outras emissoras de televisão do estado, a TV Liberal também não possui produções completas sendo construídas com celulares e outros dispositivos. No entanto, utiliza materiais feitos com esses equipamentos para compor as notícias exibidas nos telejornais. As imagens são utilizadas em notas e em trechos de reportagens ou para ilustrar entradas ao vivo dos repórteres na rua ou dos apresentadores no estúdio.

Apesar do alcance que tem, a TV Liberal também conta com parceiros, que são profissionais liberais ou telespectadores, que enviam imagens para os programas jornalísticos. A produção desse conteúdo, muitas vezes, é feita com celular e pode realizada a pedido dos produtores do canal ou por iniciativa própria do público. O que também configura o Telejornalismo de Bolso (Sales Júnior; Kneipp, 2023).

Nas edições analisadas para este estudo, foi possível verificar uma participação ativa dos telespectadores, que produzem fotos e vídeos com os aparelhos celulares e enviam para a emissora para que possam ser utilizados nos telejornais. Na Imagem 1, verificamos as imagens de um acidente que foram recebidas pela redação da TV Liberal e exibidas para ilustrar uma nota sobre o fato.

Imagem 1 – Nota ilustrada com imagem enviada por telespectador



Reprodução / TV Liberal (2024)

Além de configurar o Telejornalismo de Bolso, uma vez que foram exibidas imagens produzidas com celular, essa prática de utilização de material não jornalístico pelo jornalismo audiovisual profissional configura ainda o Telejornalismo Apócrifo, que



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

pode ser considerado como sendo aquele que utiliza imagens de câmeras de vigilância ou amadoras, ou seja, que não foram produzidos dentro dos cânones jornalísticos, seguindo os princípios deontológicos da profissão. Ana Paula Goulart de Andrade (2018) chega a essa definição ao constatar a utilização desse tipo de material pelos telejornais e programas noticiosos brasileiros, além do espaço que eles vêm ocupando no processo de construção das notícias na televisão.

Em outro momento do telejornal, como verificamos na Imagem 2, um vídeo produzido por celular e enviado pela Polícia Federal durante uma operação de apreensão de droga em um carro é utilizado como ilustração no telão do cenário do telejornal, enquanto a apresentadora lê uma manchete da notícia que virá logo após o intervalo.

Imagem 2 – Ilustração no telão com imagem produzida por celular



Reprodução / TV Liberal (2024)

Com isso, observamos que a utilização desses dispositivos não trouxe mudanças apenas para os jornalistas. A implementação dos *smartphones* nas práticas do telejornalismo proporcionaram uma flexibilização nas relações entre profissionais e amadores, dando espaço cada vez maior e frequente para as chamadas fontes ativas (Alves, 2022). Para Becker (2022), isso contribuiu para que as audiências sejam autenticadas como testemunhas dos acontecimentos e se tornem parceiros frequentes dos telejornais.



Ao analisar a TV Liberal, identificamos que o telejornalismo da emissora ainda é produzido com formatos e construções narrativas tradicionais. No entanto, em situações pontuais, os dispositivos móveis passaram a fazer parte das rotinas produtivas e o uso deles aos poucos está sendo intensificado. Com isso, acreditamos que, além de ampliar ainda mais a cobertura, poderá trazer novas perspectivas para a construção das notícias.

5 CONDIFERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a televisão produzida na região Norte, especificamente no estado no Pará, verificamos que o telejornalismo passou e vem passando por significativas reconfigurações. No entanto, a implementação de novas práticas sociais como o uso de dispositivos móveis como o celular ainda não é tão frequente quanto tem sido em outras regiões ou estados do Brasil.

As produções noticiosas já contam com materiais produzidos pelo público, que envia fotos e vídeos e se configura como fontes ativas, mas ainda não são as responsáveis pela totalidade do conteúdo de reportagens e telejornais. O que comprova, até certo ponto, um longo caminho ainda a ser percorrido para que os dispositivos móveis possam ser utilizados com maior frequência e intensidade na construção das notícias televisivas.

Por outro lado, o uso pouco intensivo dos dispositivos móveis na TV Liberal também comprova certa parcimônia na implementação dessas práticas nas rotinas produtivas da redação. No entanto, observamos que tal postura limita a cobertura jornalística, principalmente em situações que exigem maior agilidade.

Apesar disso, observamos as práticas existentes na emissora comprovam a configuração do Telejornalismo de Bolso, que compreende a produção feita por celular tanto pelos profissionais do canal quanto pelos telespectadores. Compreender os elementos presentes nesse processo de construção das notícias se torna relevante para que possamos conhecer melhor o ecossistema televisivo contemporâneo, que passa por constantes reconfigurações.

6 REFERÊNCIAS



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

ALVES, Kellyanne Carvalho. **Fontes ativas**: colaboração das audiências ativas nos telejornais do Brasil e Espanha. São Paulo: Mentis Abertas, 2022.

BARBOSA, Marialva Carlos. Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil. In: RIBEIRO; Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (Orgs). **História da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, pp. 15-35.

BATISTA, Luís Augusto Pires. **Telejornalismo na Amazônia**: O FTP como instrumento de integração regional. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

BECKER, Beatriz. **A construção audiovisual da realidade**: uma historiografia das narrativas jornalísticas em áudio e vídeo. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2022.

_____. Reconfigurações do Jornalismo Audiovisual: um estudo da cobertura do Fantástico sobre a pandemia da Covid-19. **Lumina**, v. 15, n. 3, p. 6-22, 2021.

_____. **Televisão e telejornalismo**: transições. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

CANAVILHAS, João; FIDALGO, António. Todos os jornais no bolso: pensando o jornalismo na era do celular. In: RODRIGUES, Carla (org.). **Jornalismo On-Line**: modos de fazer. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2009, pp. 96-146.

CERQUEIRA, Laerte; VIZEU, Alfredo Pereira.; GOMES, Elane. **Curadoria, mediação e função pedagógica: a centralidade do telejornalismo na pandemia**. In: 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2020.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. Tempos heroicos: Atuação profissional na fase experimental da televisão no Pará, 1961-1976. **Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, MG, V. 11 nº 1, 2014, p. 1-21.

CANAVILHAS, João. Epistemology of mobile journalism. A review. **Profesional de la información**, 2021, v. 30, n. 1.

D'CASTRO, Rômulo. **Jornalismo na Amazônia**: uma análise sobre a prioridade da reportagem para os fazedores de notícias. Maringá: Editora Viseu, 2021.

EMERIM, Cárilda. **Telejornalismo ou jornalismo para telas**: a proposta de um campo de estudos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 14, nº 2., jul./dez. 2017.

FIRMINO, Fernando. **Jornalismo Móvel Digital**: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

KALSIN, Janaína. **Jornalistas metrificados e a plataformização do Jornalismo**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2021.



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

MATTOS, Sérgio. **História da Televisão Brasileira**: Uma visão econômica, social e política. Petrópolis: Editora Vozes, 5. ed. rev. e ampl, 2010.

MOREIRA, Diego Gouveia et al. Jornalismo de Bolso: formação para produção da notícia a partir de dispositivos móveis. **Ícone**, v. 17, n. 1, p. 9-23, 2019.

NEGÓCIOS TV LIBERAL. **Área de cobertura**. Belém, s/d. Disponível em: <https://negociostvliberal.com.br/tv/midia-kit/> Acesso em: 15 nov. 2024.

SALES JÚNIOR, Francisco das Chagas. **A televisão no Rio Grande do Norte**: uma periodização da trajetória da mídia regional. Tese (Doutorado em Estudos da Mídia), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

SALES JÚNIOR, Francisco das Chagas Sales; KNEIPP, Valquiria Aparecida Passos. Telejornalismo de bolso: A notícia regional de TV produzida com o celular. *In*: ANAIS DO 21º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2023, Brasília. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2023.